

DALCASTAGNÈ, Regina; DA MATA, Anderson Luís Nunes.(Orgs.). *Fora do retrato: estudos de literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte. 2012, 182 p.

Fora do retrato é resultado de projetos de pesquisa realizados pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea e parte da ideia de que o espaço da literatura brasileira não é visível ao quadro que apresenta apenas o discurso hegemônico caracterizado pela exclusão de minorias, mas que pode ser inferido daquilo que a imagem torna possível. Organizado pelo professor de teoria literária da Universidade de Brasília e autor de *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*, Anderson Luís Nunes da Mata, e pela professora de literatura brasileira da Universidade de Brasília e pesquisadora do CNPQ, autora, entre outros, do livro *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*, Regina Dalcatagnè, a obra traz à tona os grupos subalternos ignorados em grande parte das narrativas, relegados às posições secundárias ou que permanecem lutando nas margens do campo literário, tendo em vista que sua participação em uma estrutura social é existente, mas com valor nulo. Esses grupos formam vozes que aparecem em oposição aos que monopolizam a fala no espaço discursivo.

A obra, composta por treze capítulos, inicia com o texto “À margem da BR: imagens do nacional no romance brasileiro contemporâneo”, de Anderson Luís Nunes da Mata, que apresenta uma discussão sobre o tema do nacional. Os romances *Teatro*, de Bernardo Carvalho, e *Coisas que os homens não entendem*, de Elvira Vigna, são utilizados como *corpus* para representar a relação entre literatura e nação pelo viés da identificação da forma literária e da forma social do romance, no qual se encontram fragilidades do caráter totalizador, em que se abancam as identidades nacionais. O texto discorre sobre a lógica de multiculturalismo policêntrico, demanda da literatura brasileira contida nos romances, que “pensa” direto das margens. O capítulo trata das fraturas da nação, em que apresenta a forma com que os personagens analisados – Nita, Rísia e Daniel – se iludem, ou não, na busca de um sentido para nação, que acaba

emergindo como impossibilidade teórica nas obras. O autor do ensaio mostra uma discussão sobre o localismo em *Teatro* e sobre a questão de resistência à linguagem global, aponta o romance *Coisas que os homens não entendem* como inserido num espaço mundializado, por propor questões ligadas à relação entre a nação japonesa, da qual a personagem principal emerge, e as demais, e afirma que ambos os textos analisados tratam dos dilemas do pertencimento, a partir de seus protagonistas-narradores. *Teatro*, na visão de Mata, questiona pressupostos a respeito do processo de imigração, e *Coisas que os homens não entendem* contesta o que se acredita como o tipicamente nacional. Assim, a nação acaba sendo impossível nas obras, em virtude de não poder compreender experiências divergentes de não pertencimento que são silenciadas nas representações do país.

Ricardo Barbarena, no artigo “Algumas questões sobre a ficcionalização identitária: uma visita ao *Waffel’s Hooland Original*”, sugere uma reflexão sobre identidade nacional, a partir da observação de uma lanchonete em Porto Alegre. Essa exame remete a uma narrativa sobre a elaboração dos “produtos típicos”, direcionando a um julgamento da inconstância da ideia do nacional, que envolve desde a linguagem na qual essas noções se exprimem até as práticas sociais. O texto evidencia a formação das identidades por índices e signos, que podem traduzir parcialmente os significados simulados do que seria uma tradição, tomando como exemplo o deslocamento identitário que se dá quando uma mulher negra de identidade brasileira forja a representação imagética de uma identidade holandesa. Dessa forma, são evidenciados, a partir do surgimento de novos lugares de fala, estabelecidos em uma margem social, os processos de reterritorialização e redefinição de fronteiras identitárias e culturais, através da análise da resistência e da desestabilização da noção do centro de poder e conhecimento hegemônicos, entendendo-se que há um trânsito de representações culturais capazes de traduzir inscrições subversivas em uma identidade nacional que passa pelo processo de ressimbolização dos elementos comunitários.

No capítulo “Escrever entre fronteiras: a condição do escritor brasileiro em *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll”, de Giovana Dealtry, o debate se volta para a língua que expressa o lugar do intelectual latino-americano nos espaços mundializados. O artigo enfatiza o crescimento desses intelectuais contemporâneos que

ultrapassaram fronteiras, abrindo novas possibilidades de diálogo, negociações e enfrentamentos, entre centro e periferia, através do deslocamento em termos de paisagens geográficas, culturais e linguísticas. Além disso, considera os textos de Noll como contra-narrativas, pois particularizam dramas de sujeitos à deriva, que se deslocam não só por lugares, mas por outras individualidades. Dessa forma, partindo do olhar marginal, Dealtry ressalta que é possível perceber a tradução, hibridismo, apropriação e a transgressão como possibilidades de análise dos textos das culturas dominantes, já que, a condição de ex-patriamento das personagens de Noll não lhes concede espaço para identidades fixas, sequer para qualquer aspiração de volta à procedência.

Em “Desfazer-se do legado nacional: os modos de narrar de Bernardo Carvalho”, Paulo C. Thomaz retoma a obra de Carvalho para investigar, nos seus romances e ensaios, de que maneira o escritor recusa em seus textos a ideia de uma identidade nacional, favorecendo a flexibilização marcada pela diferença, ainda no contexto literário latino-americano. Sob essa perspectiva, Thomaz afirma que a produção literária de Carvalho, na década de 1990, possui um traço característico que a diferencia de outros romances, operando um deslocamento que vai além do geográfico ou do regional. Além disso, não busca apenas fragilizar laços comunitários ou coletivos, mas também inseri-los em um círculo mais flexível, com menos restrições e que represente uma experiência contemporânea legítima, no que tange à identidade do país.

Luciene Azevedo também explora a relação do escritor com o campo literário no capítulo “Como se faz um autor? Milton Hatoum: ‘permanência e transformação do regionalismo’”. O texto investiga os modos de construção de identidade autoral e como se dá a profissionalização do escritor no século XXI e sua inserção no campo literário contemporâneo. Para isso, discute a recepção da obra de Milton Hatoum sob o rótulo do regionalismo, categoria que procura identificar as distinções entre a forma literária e a identidade nacional. Dessa forma, o artigo propõe a hipótese da persistência de imaginários críticos que continuam gerando representações e valores relacionados não só ao como acontece a legitimação de um novo autor, mas também à noção de Literatura.

“Viagem e experiência comum: *O filho da mãe*, de Bernardo de Carvalho”, de Paloma Vidal, aborda a desterritorialização dos personagens que insurgem de um diário de viagem publicado no *blog* em que Bernardo Carvalho narrou sua experiência na Rússia, e do romance que resultou dessa viagem. A partir da ideia de nação, Vidal pensa o conceito do nacional como inseparável do não nacional. Assim, as viagens e migrações cumprem um importante papel na composição do imaginário sobre a nação na narrativa brasileira contemporânea. No romance, segundo Vidal, haveria um deslocamento da representação do outro para a busca de uma experiência comum, ligada a uma margem desvinculada do imaginário nacional. Do deslocamento nada poderia ser extraído, se se voltar com as mãos vazias, o que significa que com isso não se pode fazer literatura alguma.

Os papéis exercidos pelo personagem imigrante na literatura brasileira dos anos 1980 são abordados no capítulo “O imigrante na literatura brasileira: instrumentalização de uma figura literária”, de Leonardo Tônus. O artigo aponta para o retorno da temática da imigração e da figura do imigrante como pontos provocativos de uma reflexão sobre a inscrição do sujeito nacional no conjunto do patrimônio cultural e devir da nação. Também observa uma redução de caráter subversivo da temática e uma instrumentalização de sua figuração literária e problematiza as funções e os limites da presença do imigrante. Dessa forma, o texto constata que o trauma migratório é enfraquecido ou recalcado nessas narrativas, tendo em vista as formas discursivas que propiciam um projeto reconciliador, fortalecendo, através da não sincronia, uma comunicação indireta, característica da figura literária do imigrante.

Seguindo a temática da imigração, Maria Isabel Edom Pires propôs, no capítulo “Presença do imigrante alemão na literatura brasileira: *Valsa para Bruno Stein*, de Charles Kiefer, e *Jornada com Rupert*, de Salim Miguel”, uma leitura comparativa dos romances. O artigo assinala suas similaridades e divergências no que tange à temática imigratória, na construção das narrativas e nos embates identitários, que surgem em cada uma delas. Também apresenta uma discussão sobre os recursos utilizados na tentativa de reconstruir a Alemanha, através de um passado inventado, a recorrência dos mitos fundadores, o apelo a uma identidade nacional.

Já no capítulo “O puro amarelo do verão: ‘*O japonês de olhos redondos*’ de Zulmira Ribeiro Tavares”, Stefânia Chiarelli discute o paralelo estrangeiridade/clandestinidade. Para isso, parte de um jogo narrativo que evidencia as tensões existentes nas relações entre o eu e o outro. O artigo aponta a metáfora do estrangeirismo como algo perigoso, por isso remonta aspectos esquecidos na formação da nação, como a perseguição e o silenciamento do estrangeiro, além do cerceamento dos meios de expressão. Dessa forma, entende-se que a linguagem remete aos espaços esquecidos da nação.

Leila Lehnen retoma o debate das relações com a alteridade, partindo do caráter diaspórico da experiência nissei/yonsei/dekassegui narrada no romance *O sol se põe em São Paulo*. O texto é analisado no capítulo “Pôr de sol global: itinerários urbanos e identidade globalizados em *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho” e proporciona uma reflexão de cunho ontológico, epistemológico e discursivo sobre o deslocamento e a alienação, já que traça percursos sociais e simbólicos percorridos pelos imigrantes nipônicos no Brasil, abordando o deslocamento físico, emocional e sociocultural. Para isso, a autora avalia estruturas de segregação como estratégias de reposicionamentos socioculturais, operantes na vivência da desterritorialização.

Regina Dalcastagnè aborda as representações que investem no espaço urbano como categoria narrativa no capítulo “A cidade e seus restos: de Samuel Rawet a Luiz Ruffato”. Personagens marcados socialmente como marginais nos espaços hierarquizados das cidades aparecem nos textos de Rawet e Ruffato, apontando para a prisão, a favela, a cozinha como os lugares dos outros, que não cabem na autoimagem projetada pelos discursos hegemônicos das cidades. Dalcastagnè nota uma tendência na literatura brasileira contemporânea em abordar os pobres de modo estereotipado e distante, apresentando gestos e ações, mas não pensamentos e reflexões das personagens.

As crônicas de Clarice Lispector sobre a cidade de Brasília são o tema do capítulo “A Brasília que Clarice construiu: o desmonte da nação nas crônicas lispectorianas”, de Claire Willians. O artigo analisa como a autora vê as categorias da nação legadas pela tradição modernista. Para isso, os mitos fundadores de Brasília são discutidos e relacionados às artes como a linguagem, arquitetura e música, mostrando a

re-elaboração literária da cidade efetivada por Lispector, de maneira bem humorada e violenta, a partir de sua vivência. Além disso, o estudo aponta elementos estrangeiros que colocam em xeque a noção de Brasília puramente brasileira, relacionando-a com outras culturas.

Finalizando a obra, sob um olhar de obras de autoria feminina, o capítulo “Estereótipos em ruínas: a mulher contemporânea no imaginário de Luci Collin”, de Lúcia Osana Zolin, busca prover uma reflexão sobre como o conceito de brasilidade se dá sob a representação de imagens femininas na literatura canônica, em contraponto à forma como a mulher é representada na literatura de autoria feminina produzida no Paraná. Dessa forma, Zolin reconhece uma desestabilização das categorias do nacional sob o olhar feminino, em que são evidenciadas dissonâncias a respeito do imaginário que compõe o projeto nacional brasileiro.

Ao ler o conjunto de textos que formam a obra, nota-se que a importância de *Fora do retrato: estudos de literatura brasileira contemporânea* para os estudos de literatura não se dá apenas por tratar de personagens, ambientes e grupos à margem, mas também por proporcionar ao leitor reflexões a cerca do nacionalismo, da relação dos autores com o espaço literário e principalmente por tratar de deslocamentos. Os ensaios não se propõem a resolver problemas enfrentados pela produção literária contemporânea, mas apresentam alternativas e possibilidades de análise que abrem o diálogo da compreensão da literatura com o mundo social, voltando-se para pessoas, grupo, sensibilidades e ideias que estão situados à margem da literatura e que podem iluminar estudos literários acerca de diversas minorias, tempos e territorialidades.

Letícia Sangaletti

Mestranda em Letras (URI-FW), área de concentração em Literatura Comparada.

E-mail: leticiasangaletti@hotmail.com.